

A PRODUÇÃO DO PPGEA-FURG E A POLUIÇÃO INDUSTRIAL NO ESTUÁRIO DA LAGOA DOS PATOS, RS

THE PRODUCTION FROM PPGEA-FURG AND THE
INDUSTRIAL POLLUTION IN THE “LAGOA DOS PATOS”
ESTUARY, RS

Washington Ferreira *

R e s u m o

Desenvolveu-se a análise documental do conjunto das teses e dissertações do PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) – ao longo de 20 anos, do ponto de vista de sua percepção, descrição ou discussão sobre a temática da Poluição Industrial na sua área geográfica de inserção, o Estuário da Lagoa dos Patos (RS, Brasil). O conjunto dessa produção foi classificado em três grandes categorias, em relação ao tema de pesquisa: sem conexão com o mesmo; como subsídios para discussão; com aderência estrita ao tema. A categoria com aderência estrita ao tema foi reprocessada, através da análise textual discursiva, para detalhamento dos elementos emergentes na mesma. Discutem-se as prováveis causas e implicações destes resultados, especialmente da invisibilidade relativa do tema de pesquisa, e do fenômeno da negação e naturalização da poluição industrial neste conjunto. Também são discutidos os seus reflexos no papel do PPGEA, como “Centro de Referência” em Educação Ambiental da instituição.

P a l a v r a s - c h a v e : Educação ambiental. Poluição industrial.
Correlações.

* Oceanógrafo. Mestre em Oceanografia Biológica. Doutor em Educação Ambiental (FURG – Universidade Federal do Rio Grande). Pós-doutorando junto ao PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Núcleo de Gerenciamento Costeiro Integrado. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Trindade, Florianópolis, SC.
✉ thalassoching@yahoo.com.br

Abstract

All dissertations and theses from PPGEA - Graduate Program in Environmental Education of FURG (Federal University of Rio Grande), over 20 years, went through a desk review from the point of view of their perception, description or discussion on the Industrial Pollution theme in its geographical area of insertion, the estuary of the Lagoa dos Patos (RS, Brazil). The set of this production was classified into three broad categories concerning their research topic: no connection therewith; as subsidies for discussion; with strict adherence to the theme. The category with strict adherence to the theme was reprocessed through discursive textual analysis to detail the emerging elements in it. The probable causes and implications of these results are discussed, especially the relative invisibility of the research topic, and the phenomenon of denial and naturalization of industrial pollution in this set. Their reflections on the role of PPGEA as a “Reference Center” in Environmental Education of the institution are also discussed.

Keywords: Environmental education. Industrial pollution. Correlations.

1 Introdução

Neste artigo, visamos a analisar as correlações entre a produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG (Universidade Federal do Rio Grande), frente à *Poluição Industrial* na sua região de inserção, bem como discutir as possibilidades para a efetiva assunção do seu papel crítico e propositivo, como “Centro de Referência em Educação Ambiental” da instituição.

Quanto aos procedimentos metodológicos, preliminarmente, selecionaram-se como indicadores da produção acadêmica da pós-graduação do PPGEA FURG os seus respectivos “objetos de pesquisa” (dissertações e/ou teses). Na sequência, foi efetuada a consulta (eletrônica e presencial) à secretaria e à biblioteca setorial deste PPG, bem como ao sistema eletrônico “Argo” da FURG¹, sendo efetuado o *download* de todo o material disponível e digitalizados os resumos daqueles originais somente disponíveis em formato analógico. Logo após, cada um desses objetos foi fichado, através de planilha eletrônica (*Excel*), registrando-se o respectivo nível do

¹ ARGO. Sistema de Administração de Bibliotecas. Rio Grande: Núcleo de Tecnologia da Informação – FURG, 20---. Disponível em: <<http://www.argo.furg.br/?BDTD>>. Acesso em: 20 de Junho de 2014.

curso (mestrado ou doutorado), o(a) autor(a), o ano de defesa, o título e as palavras-chave dos mesmos. Simultaneamente, foi desenvolvido um banco de dados (*Access*), de modo a possibilitar a análise integrada e correlata deste acervo (263 dissertações e 53 teses) e a conexão imediata com os respectivos arquivos, considerando-se como o período de tempo desta pesquisa os 20 anos decorrentes desde a criação do PPGEA (1994) até Junho de 2014. Procedeu-se então à análise qualitativa da fração deste acervo com aderência estrita (foco principal) ao tema de estudo, envolvendo a Análise Textual Discursiva, de modo a promover a emergência das abordagens e principais significados pelos(as) respectivos(as) autores(as):

A análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas na pesquisa qualitativa, que são a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso (...). A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta textos analíticos, que irão compor os textos interpretativos (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 121).

Finalmente, discutem-se os principais resultados e as causas associadas aos mesmos, assim como se procura discorrer sobre as suas repercussões em relação ao papel institucional do PPGEA FURG, enquanto “Centro de Referência” em Educação Ambiental.

2 Resultados e discussão

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos da análise dos dados coletados, bem como se discutem suas causas e repercussões: a “invisibilidade relativa” da poluição industrial como tema de pesquisa; a produção acadêmica do PPGEA e a poluição industrial; a negação e/ou naturalização da poluição industrial; e as causas históricas e culturais da negação e/ou naturalização da poluição industrial.

2.1 A “invisibilidade relativa” da poluição industrial como tema de pesquisa

Do conjunto de 316 “produtos” acadêmicos gerados pelo PPGEA FURG (263 dissertações de mestrado e 53 teses de doutorado), ao longo dos seus 20 anos de história (1994-2014), esta pesquisa registrou três categorias distintas em relação ao tema da *Poluição Industrial*:

a) Sem relação com o tema de pesquisa

A grande maioria do conjunto da produção acadêmica do PPGEA-FURG (269 produções, ou 85, 12 %) não mostrou correlação com o tema da *Poluição Industrial*. Para além das preferências individuais, este resultado aponta para um distanciamento entre os temas de pesquisa dos discentes egressos do Programa em relação ao contexto histórico de *Poluição Industrial* na região.

b) Subsídios para Discussão do Tema de Pesquisa

Neste conjunto de 42 produções (13, 29 %), com 33 dissertações e 09 teses, foram abordados uma série de temas de pesquisa que, embora não trate especificamente da *Poluição Industrial*, promove a análise, discussão e/ou intervenção de/em contextos socioambientais nos quais incidem problemas de gestão e manejo dos espaços, territórios e “recursos” naturais. Estes estudos podem também contribuir para a compreensão da dimensão e compromisso sociopolítico da Educação Ambiental, em especial, como mediadora das comunidades e movimentos sociais em sua articulação com o Estado, enquanto entidade pública responsável formalmente pela defesa da qualidade de vida e saúde.

c) Aderência Estrita ao Tema de Pesquisa

Neste pequeno conjunto (05 dissertações de mestrado, ou 1, 58 %), foram propostos temas e realizadas intervenções junto a diversos sujeitos de pesquisa e contextos, diretamente vinculados ao fenômeno de *Poluição Industrial* (PRADO, 1999; THEODOSIO, 2002; BENITES, 2004; NÓBREGA, 2006; ESTEVAM, 2013). Analisando mais detidamente esta produção, constatamos distintos objetos, sujeitos, metodologias e localidades de pesquisa, mas todos caracterizados por profunda aproximação e/ou imersão no tema de pesquisa da *Poluição Industrial*. Além disso, este conjunto posiciona-se proativa e criticamente sobre o fenômeno da Poluição Industrial, discute suas causas, processos e repercussões na qualidade de vida e saúde das comunidades afetadas, tecendo conexões entre estas, o imaginário social e a participação cidadã, frente à responsabilidade das empresas industriais, as instituições públicas e a mídia.

2.2 A produção acadêmica do PPGA e a poluição industrial

Como estratégia de embate com os riscos e impactos vivenciados pelas comunidades em decorrência da *Poluição Industrial* (dentre outros), alguns autores têm se dedicado a propor intervenções de Educação Ambiental que visam melhor *informar* a população (Edu-comunicação) sobre as consequências da poluição, esperando que, por meio da participação individual e/ou coletiva, possa ser revertido ou atenuado o quadro dominante:

Programas de educação ambiental aparecem como alternativas bastante eficientes para levar a cabo estes objetivos, pois podem atingir uma grande parcela da população fazendo com que as pessoas tomem ciência das causas e efeitos da poluição sobre suas vidas, e decidam cooperar para a redução das emissões de poluentes (MALHADAS et al, 2002, p. 61).

Contudo, esta abordagem, ao buscar compreender e/ou despertar a percepção comunitária sobre os impactos da poluição, deparou-se com a grande resistência do poder econômico, em aceitar e incorporar os resultados destes trabalhos no aperfeiçoamento dos processos industriais, de modo a torná-los menos incompatíveis com a qualidade de vida da população:

[...] muitas empresas, no entanto, não concordam com esta visão da influência do ambiente socioambiental no desempenho no mundo dos negócios. Mas a influência do ambiente afeta, de forma diferenciada, as pequenas, médias e grandes empresas, o que acarreta a diversidade de percepção por parte das organizações. Mas, mesmo não concordando e até se opondo a esta realidade, as empresas estão sendo obrigadas, principalmente através das Leis, a assumir responsabilidades sociais e ambientais, através de projetos que incluem a proteção ao meio ambiente, ações filantrópicas e educacionais (OLIVEIRA, 2002, p. 02).

Além disso, ao concentrarem-se no esforço das comunidades as necessárias mudanças comportamentais, corre-se o risco de contribuir com a negligência e omissão por parte da indústria e do Estado, na reversão dos padrões de produção industrial. Ou seja, atribui-se a responsabilidade das mudanças àqueles nos quais

incidem os problemas, e não sobre os seus agentes causadores. Tal posicionamento determinou a emergência de outras abordagens de EA, que compartilham de uma proposição efetivamente crítica e transformadora, questionando o papel do Estado, da mídia e mesmo do processo de licenciamento e operação destas indústrias poluidoras, como passos essenciais de resgate da participação cidadã no modelo de desenvolvimento:

Diante de tudo que foi dito, inclino-me a pensar que a qualidade do ar que se respira é semelhante à qualidade da cidadania que se tem. É indispensável, portanto, sair da fatalidade que prende a todos, em alegar a presente irresponsabilidade, situando-a entre o passado e o futuro para eximir a responsabilidade coletiva. Isto é, para que seja possível, ao invés de assistir pacificamente a slogans vinculados à mídia, como 'cidadania se vê aqui', pensar que aqui (neste país), extensivo aos outros países também, uma vez que se crê na cidadania planetária, as pessoas agem como cidadãs. Ou seja, em busca de um sentido de sustentabilidade, cujas práticas sociais sejam sustentáveis hoje (NÓBREGA, 2006, p. 60).

A compreensão do caráter ampliado da Educação Ambiental frente a estes problemas, transcendendo as etapas de informação das comunidades atingidas (superando a ilusão de que as mesmas desconhecem o problema, por não se utilizarem da linguagem acadêmica), para uma postura proativa crítica, estabelece um compromisso tácito (mas que deve ser explícito) da Universidade com as mesmas, para com a participação social em defesa da qualidade de vida nos ambientes compartilhados:

A educação ambiental não é neutra, ela é um ato político, baseado em valores para a transformação social; portanto, a formação de indivíduos detentores de pensamento crítico e inovador para o exercício pleno da cidadania (...). Espera-se que o educador, além de contribuir com seus conhecimentos para mitigação dos problemas ambientais, também esteja preparado para contribuir na formação de outros agentes educadores, tanto na escola como na comunidade, tornando-os aptos para a busca e o desenvolvimento de soluções dos problemas, que sejam baseadas na ética, na justiça, na

igualdade e na solidariedade, e dessa forma a sociedade possa reconhecer e enfrentar os problemas que interferem negativamente na sustentabilidade, que compreendem, além do ambiente, a pobreza, a população, a saúde, a democracia, os direitos humanos e a paz (SANTOS; SILVA; 2010, p. 05, *grifo nosso*).

O conjunto da produção do PPGEA é um dos mais expressivos no contexto dos diversos PPGs da FURG; contudo, apesar da grande contribuição gerada no campo da Educação Ambiental em geral, e do extremo zelo e profissionalismo de alguns poucos autores que abordaram o tema da *Poluição Industrial*, faz-se notar a ínfima proporção da produção dedicada a este tema. Esta questão parece-nos extremamente relevante, considerando-se o reconhecido histórico de *Poluição Industrial* da região, bem como o grande estímulo do programa para a discussão qualificada da categoria “Pertencimento” ao contexto socioambiental regional. Interessa-nos, pois, discutir as prováveis causas desta dissociação coletiva.

2.3 A negação e a naturalização da poluição industrial

Por vezes, os problemas e impactos socioambientais decorrentes da *Poluição Industrial* manifestam-se mesmo em áreas não diretamente associadas com as atividades industriais, tornando-se de difícil compreensão as suas origens pelos métodos convencionais; nestes casos, outros procedimentos podem ser esclarecedores para reconhecer suas origens oculta(da)s e a possível correlação com os contextos locais e regionais:

No início dos anos 1980, os moradores de uma pequena cidade da Alemanha defrontaram-se com uma série de problemas socioambientais: a água potável mudou de cor e cheiro, as crianças queixavam-se de dificuldades respiratórias e foi constatada a contaminação dos recursos naturais, determinando a suspensão da produção alimentícia [...]. Aos poucos, descobriram detalhes da história da região, que haviam se tornado *tabu*: 40 anos atrás, durante a Segunda Guerra Mundial, havia sido implantada uma indústria bélica próximo da aldeia, explorando trabalho escravo; os habitantes haviam percebido o contexto político-ideológico desta fábrica e “fizeram de conta” que não sabiam de nada. Ao final da guerra, a memória coletiva reprimiu quaisquer

lembranças a esta situação, procurando ajustar-se ao novo contexto e regime [...]. Foram os efeitos de longo prazo da contaminação pelos resíduos da indústria bélica, de alta toxicidade e difícil degradação, com sua reatividade e sinergia nos lençóis de água subterrânea, os responsáveis pelos problemas vivenciados (FLICKINGER, 2010, p. 162).

Assim como naquela distante aldeia germânica, em muitos outros *simulacros de cidades e regiões sustentáveis*, como nesta na qual navegamos, a memória coletiva pode ser induzida à negação de alguns aspectos de seu passado, remetendo para o seu “arquivo-morto” as informações relativas aos riscos e impactos percebidos/vividos ao longo do processo de desenvolvimento socioeconômico do seu entorno. Este comportamento poderia estar associado com a tendência da sociedade em preservar, para a posteridade, somente os aspectos “positivos” dos empreendimentos, assim legando-nos os seus *documentos/monumentos*, e de negar, para as gerações futuras, o acesso aos problemas vividos.

² LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora UNICAMP, 1994

Segundo Jacques Le Goff², a memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade [...] Mas a memória não é apenas individual; na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. Mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens; *o próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades*, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos (SILVA; SILVA, 2006, p. 275, *grifo nosso*).

A memória individual e coletiva pode, desta forma, ocultar a situação dos impactos socioambientais pretéritos de uma determinada região. Quando, a este mecanismo psicológico de defesa, se soma uma estratégia política e/ou empresarial deliberada de sonegação de informações, os resultados podem ser muito graves no longo prazo, pelas dificuldades de reversão dos mesmos face à inércia coletiva.

2.4 Causas históricas e culturais da negação e da naturalização da poluição industrial

Neste quadro, podem ser elencadas estratégias e situações distintas, mas complementares, que nos auxiliam a compreender a nebulosidade que envolve o imaginário social sobre este tema:

a) A Política de Bem-Estar Social Empresarial

A Política de Bem-Estar social de algumas grandes empresas industriais de base familiar pode ter contribuído para imprimir no tecido social, ao longo do tempo, a inibição às atitudes contestatórias, e por outro, o silêncio, a resignação e a convivência com a *Poluição Industrial*?

Bismarck, o “Chanceler de Ferro”, conseguiu fazer com que o difícil *Reichstag* (Parlamento) aprovasse, entre 1883 e 1889, leis que criavam esquemas de seguros contra doenças, contra acidentes provocados pelas máquinas cada vez mais numerosas e contra a invalidez crônica entre os trabalhadores do novo Império Alemão de Guilherme I (...). *Estava convencido de que a perspectiva de uma pensão na velhice manteria os trabalhadores satisfeitos para sempre* (GORDON, 2008, p. 350, grifo nosso).

Esta política, embora não seja característica do conjunto das empresas de base industrial, esteve presente na região, notadamente em alguns grandes grupos empresariais familiares, os quais exerceram uma profunda influência na política e economia industrial regional.

Tão logo o Comendador Rheingantz lançou definitivamente seu grupo de fábricas, sob a forma de uma grande sociedade, estabeleceu um *serviço social para atender aos 900 empregados*, antecipando-se às medidas governamentais postas em prática meio século após. Uma *vila para operários* foi construída, num total de 169 moradias com aluguéis módicos. Os principais serviços assistenciais eram prestados por sistema cooperativo, através da *Sociedade de Mutualidade*, com a finalidade de prestar aos sócios e seus familiares socorros médicos, farmacêuticos e pecuniário, de oferecer creche e restaurante infanto-juvenil

aos seus filhos, de concorrer para os atos fúnebres, de manter um armazém de gêneros de primeira necessidade (RHEINGANTZ, 2013, p. 01, grifo nosso).

Embora de uma forma mais modesta, a empresa “Leal Santos construiu 20 casas destinadas aos operários e um armazém, onde eram vendidos mantimentos aos trabalhadores fabris” (MARTINS, 2010, p. 10). Esta política certamente aportou melhorias efetivas nas condições de trabalho e de vida de seus funcionários, repercutindo no abrandamento das tensões e conflitos de classe, embora não os evitasse completamente. Mas, subliminarmente, esta mesma política pode ter sido impressa no inconsciente coletivo, como símbolo da “harmonia social” propagada pelo ideário positivista, determinando a tendência de se adequarem as reivindicações populares, de modo a não confrontar ou desafiar a “ordem pública” e a produtividade industrial, por receio de se perderem os “benefícios” outorgados pelos “beneméritos” patrões.

Sabe-se que um recorte regional não é fruto do acaso, mas de forças que operam no seio da sociedade, instituindo dentro dela símbolos, alteridades e representações que forneçam uma legitimidade inquestionável. Assim, o que estava em jogo (...) era uma perenização do instante, onde condições históricas eram dadas como imutáveis, com um tipo-ideal inserido em uma sociedade sem mudanças. Isso se constitui em um falseamento do real, e um deslocamento do sentido, não só porque a sociedade jamais pode ser estática, mas também porque o modelo nunca existiu em sua integridade (FERREIRA, 2012, p.103).

b) O Discurso e a Imagem das Empresas e do Estado

A historiografia oficial (do Estado e das empresas) assegura a perpetuação da imagem de empreendedorismo e relevância socioeconômica dos ícones do desenvolvimento industrial regional (como as grandes tecelagens, os frigoríficos, os moinhos, as fábricas de charutos, cerveja, conservas, a refinaria de petróleo, as processadoras de pescados, as fábricas de fertilizantes, etc...), até a euforia contemporânea, pela atual retomada da indústria naval (com os estaleiros destinados à construção de plataformas de prospecção e exploração de petróleo). Assim, estes registros oficiais constroem e reproduzem profusamente o discurso e a imagem

de vitalidade destas atividades e sua importância socioeconômica para as comunidades, mas se calam completamente em relação aos efeitos (dentre outros) da *Poluição Industrial* gerada pelas mesmas; as poucas informações sobre estes aspectos tendem a ser difundidas pelos movimentos sociais de caráter ambientalista ou trabalhista, pequenos veículos de mídia de caráter local ou alternativa e algumas poucas publicações científicas.

Neste sentido, as imagens e discursos reificados continuamente acabam por assumir, no imaginário social, o sentido de realidade, reforçando a lógica e os valores intrínsecos do modelo de desenvolvimento em curso, e desqualificando – perante as comunidades – os argumentos, fatos e opiniões divergentes, dentre os quais aqueles relativos à denúncia e/ou discussão sobre os riscos e impactos da *Poluição Industrial* gerada por este mesmo modelo de desenvolvimento.

c) Movimentos Sociais: percepção crítica, repressão, alienação e cooptação

A longa trajetória da cidade e região, como grande núcleo portuário-industrial, está também associada com uma expressiva inserção dos movimentos sociais de reivindicação por melhores condições de trabalho e vida, desde o início do processo de industrialização. A “cidade das chaminés” e seus entornos concentrou, desde o início do seu processo de industrialização, um grande contingente populacional, atraído para a região em função da oferta de emprego formal. Neste contingente, com expressiva participação de operários imigrantes europeus, consolidou-se um movimento reivindicatório dos direitos sociais e trabalhistas, com forte atuação de sindicatos e militantes de partidos políticos associados ou simpatizantes de ideologias socialistas, comunistas e anarquistas.

Tal organização social passa, então, a ser considerada como um desafio (por vezes tolerado) à estrutura produtiva capitalista (mas, via de regra, perseguido e combatido) pelo Estado, a serviço do capital industrial. A cidade e região viveram grandes protestos e greves de operários, seguidos de significativa repressão e intimidação. Este clima predominante de embate e tratamento policial dos movimentos sociais, recorrente e recrudescido ao longo da história, teria servido de caldo de cultura para uma postura coletiva de alienação política, profundamente enraizada nas comunidades regionais.

A tradição de luta e resistência, construída no início de sua história e reafirmada nas lutas desenvolvidas pelos trabalhadores na primeira metade do século XX, até a primeira metade da década de 1960, foi interrompida pelo golpe militar de 1964, que perseguiu e banuiu os seus opositores e desarticulou, como podemos hoje perceber, a memória da Cidade. Rio Grande foi transformada em Área de Segurança Nacional; não mais se elegiam os prefeitos, pois a ditadura os indicava. Os sindicalistas foram perseguidos, os sindicatos desarticulados, suas direções foram cooptadas ou foram desmanteladas. A Cidade, como o país inteiro, sofreu um processo de apagamento de sua memória (BEZERRA et al, 2009, p. 10, grifo nosso).

Estas reivindicações trabalhistas vêm gerando um grande histórico de repressão política na região, envolvendo desde operários fabris a estudantes e professores da Universidade. Os movimentos reivindicatórios operários passaram por diversas crises e conflitos internos, com disputas ideológicas e político-partidárias (SCHMIDT, 1999), as quais contribuíram para sua fragmentação e isolamento, assim expondo ainda mais o coletivo ao aparato repressivo do Estado e das empresas. A ciclicidade recursiva da organização e desestruturação dos movimentos reivindicatórios operários ao longo da história regional foi posteriormente rompida, quando da eclosão e dos desdobramentos do golpe civil-militar de 1964, e a decretação de Área de Segurança Nacional, o que inibiu – por gerações – quaisquer processos participativos.

Dentre as prováveis causas históricas e culturais desse processo regional de negação e/ou naturalização da *Poluição Industrial* (evidenciado na análise da produção acadêmica do PPGEA), cabe ainda lembrar que a origem da FURG esteve profundamente associada ao governo de exceção e com a Escola de Engenharia Industrial (inaugurada em 28 de dezembro de 1960), criada, em parte, para formar recursos humanos que atuassem na refinaria de petróleo e em outras empresas em processo de instalação:

A Universidade Federal do Rio Grande ilustra muito bem a relação de interesses entre os rio-grandinos, a iniciativa privada local e o governo civil-militar. Antes mesmo de ser fundada (em Agosto de 1969), desde 1953, através do esforço da indústria, comércio e Prefeitura Municipal, atuava como

Escola de Engenharia Industrial. Em Janeiro de 1969, Arthur da Costa e Silva esteve em Rio Grande; como parte de sua comitiva, o interventor federal Armando Cattani relatou à imprensa (jornal *Diário Popular*, de Pelotas) que a vinda do presidente tinha (também) como objetivo anunciar a criação da URG. Esta foi concretizada pelo decreto-lei 774, oficializando sua fundação, facilitada pelo AI-5, que dava plenos poderes a Costa e Silva (COSTA, 2011, p. 135).

Além disso, os recursos financeiros disponibilizados pela refinaria (e/ou pela fundação a ela ligada, *Fundação Cidade de Rio Grande*) foram importantes para a criação e manutenção da estrutura e da pesquisa na Universidade, o que, tacitamente, poderia estar condicionando *o dito e o não dito* nesta instituição. No presente, com a retomada da indústria naval na região, desencadeia-se a reestruturação dos sindicatos operários (especialmente metalúrgicos), pautados por reivindicações financeiras e atrelados à lógica produtivista de suas empresas, desvinculados das questões socioambientais. Similarmente, um novo aporte maciço de recursos (públicos e privados) possibilitou o desdobramento dos programas e linhas de pesquisa da Universidade, imbricando-a de modo indissociável com as estratégias geopolíticas supranacionais, as quais condicionam o desenvolvimento do território estuarino enquanto complexo portuário-industrial, como peça-chave de sua rede de interesses e compromissos transnacionais. Nesse cenário, as questões socioambientais (e com elas, a Educação Ambiental) tendem a ser convertidas, de obstáculos, em peças publicitárias do marketing verde destes conglomerados.

3 Considerações finais

O Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG pode ter um papel preponderante, proativo e catalisador, ao agregar um conjunto de pessoas que visam, objetivamente, à transformação da sociedade, de modo a contribuir para a emergência de um modelo alternativo de pensar, viver e gerir os espaços, territórios, “recursos” e relações, em bases social e ambientalmente referenciadas. Para tal, entendemos como necessário o reconhecimento de que:

o PPGA pode ser considerado como um “Centro de Referência” em Educação Ambiental, tanto do ponto de vista histórico (por seu pioneirismo de

ter implantado e consolidado o primeiro espaço de formação de pesquisadores em Educação Ambiental, em nível de pós-graduação no País), bem como pelos critérios de produtividade relativa (pelo seu expressivo volume de produções acadêmicas, nos vinte anos entre 1994 e 2014);

constata-se, em contraposição, um profundo deslocamento do conjunto da produção acadêmica do PPGEA, daqueles aspectos associados com a *Poluição Industrial* e as injustiças, os conflitos e impactos socioambientais associados no cotidiano das populações, e da conexão dos mesmos com o modelo de desenvolvimento (mesmo na sua microrregião), assim contrapondo-se ao seu papel institucional de “Centro de Referência” em Educação Ambiental, especialmente à EA crítica e transformadora;

o PPGEA tem, potencialmente, condições de resgatar e revitalizar este seu papel institucional de “Centro de Referência” em Educação Ambiental, se optar por repensar a especificidade do Programa, integrando estratégias de escalas diversas, mas complementares: por um lado, reforçando os princípios de pertencimento, criticidade e cidadania (já presentes e consistentes) com a compreensão mais acurada da base e complexidade das interações socioecossistêmicas e dos processos históricos e políticos envolventes nos conflitos e impactos socioambientais; por outro, se efetivar a transdisciplinaridade proposta no seu projeto pedagógico, pela integração da pesquisa/ensino/extensão às práticas de seus docentes e discentes junto com as comunidades da região, para (muito) além das salas de aula, efetivamente articulando suas pesquisas e intervenções com a realidade, problematizando-a desde perspectivas críticas e transformadoras.

Referências

ARGO. Sistema de Administração de Bibliotecas. Rio Grande: Núcleo de Tecnologia da Informação – FURG, 20---. Disponível em: <<http://www.argo.furg.br/?BDTD>>. Acesso em: 20 de Junho de 2014.

BENITES, Eduardo Luiz Fonseca. *Poluição sonora urbana em Pelotas: uma análise do problema, com subsídios jurídicos, enfatizando a educação ambiental na construção da cidadania*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2004.

BEZERRA, A. B. B. et al. Políticas Públicas de Lazer em Rio Grande. In: SILVEIRA, T. T. et al. (Org.). *Políticas públicas de esporte e lazer na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: Salisgraf Editora e Gráfica, 2009. p. 09-31.

COSTA, L. B. A cidade do Rio Grande ao longo da década de 1970: desenvolvimento econômico, vigilância e repressão em área de segurança nacional. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011. São Paulo. *Anais...* Associação Nacional dos Professores Universitários de História, 2011.

ESTEVAM, B. S. *História, crítica e a educação ambiental sob o prisma das crônicas ecológicas da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural no extremo sul do Brasil (1978–81)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2013.

FERREIRA, F. N. O litoral (in)visível: Villa Sequeira, Rio Grande (Século XIX-XX). In: COSTA, L. B.; FRIDERICH, L. (Org.). *Rio Grande Século XX: olhares históricos*. Pelotas: Editora UFPEL, 2012. p. 97-124.

FLICKINGER, Hans-Georg. *A Caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas: Autores Associados, 2010.

GORDON, Richard. *A Assustadora história da medicina*. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

MALHADAS, Ziolo Z. et al. A poluição atmosférica das grandes cidades enfocada através da Educação Ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, RS, v. 09, p. 57-66, jul./dez. 2002.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, 12 (01): 117-128, 2006.

MARTINS, César Augusto Ávila. Morar e habitar em áreas portuárias na cidade do Rio Grande, RS. *Scripta Nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, v. XIV, n. 331, ago. 2010.

NÓBREGA, Michelle Rodrigues. *Entre os padrões de qualidade do ar, a fumaça... um olhar mais próximo no sentido de o ser se faz olhar*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2006.

OLIVEIRA, F. P. *O meio ambiente e o setor industrial: desafio para o desenvolvimento sustentável*. 2002. Monografia (Especialização em Administração com ênfase em Marketing). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, 2002.

PRADO, Daniel Porciuncula. *Operariado e meio ambiente: um estudo sobre os trabalhadores da indústria de Rio Grande e sua percepção ambiental*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS, 1999.

RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. *Cia. União Fabril – Tecelagem Rheingantz*. 2013. Disponível em: <<http://familiarheingantz.blogspot.com.br/2013/11/ciauniao-fabril-tecelagem-rheingantz.html>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

SANTOS, Ana Lucia Braga e Silva; SILVA, Gerson Novais. Poluição ambiental local e o papel da Educação Ambiental. *Revista Científica de Educação à Distância*, Santos, SP, ed. especial, dez. 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. A diretora dos espíritos da classe: a “Sociedade União Operária” de Rio Grande (1893-1911). *Cadernos AEL*, v. 06, n. 10/11, p. 148-170, 1999.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

THEODOSIO, Nelson Pereira. *Jornal Agora: vozes e falas no caso Bahamas, a Educação Ambiental e a construção da cidadania*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2002.